

Identidades religiosas nas regiões autónomas

ALEXANDRA ESTEVES

EMESE PANYIK

MANUEL ANTUNES DA CUNHA

Faculdade de Ciências Sociais (UCP – Braga)

A relação entre o cristianismo e a estrutura social tem pautado a história da sociedade europeia praticamente nos dois últimos milénios, e mais recentemente também nas suas ex-colónias, tendo a sua influência sido decisiva no devir destas civilizações¹. O nosso país, tradicionalmente marcado por uma forte presença da Igreja Católica, constitui um paradigma desta relação. Todavia, a abordagem sociológica das identidades religiosas em Portugal, principalmente ao longo das últimas décadas, tem sido um terreno pouco explorado pela comunidade científica². Na sequência do estudo recentemente levado a cabo em Portugal continental³, apresentamos aqui

¹ José Manuel SOBRAL, «Religião, relações sociais e poder – a Misericórdia de F. no seu espaço social e religioso (séculos XIX-XX)», *Análise Social*, XXV 107: 3 (1990) 351-373.

² António Teixeira FERNANDES, «O conhecimento científico-social: elementos para a análise do seu processo em Portugal», *Sociologia – Problemas e Práticas* 20 (1996) 9-41 e Helena VILAÇA, «Notas de pesquisa para o estudo dos grupos religiosos minoritários em Portugal», *Revista da Faculdade de Letras: Sociologia*, 7 (1997) 31-51.

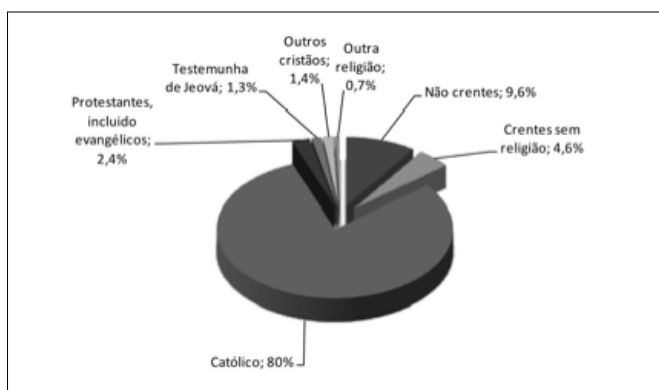
³ Alfredo TEIXEIRA (coord.), *Identidades religiosas em Portugal: Representações, valores e práticas. Relatório apresentado na Assembleia Plenária da Conferência Episcopal Portuguesa, Fátima 16 a 19 de abril de 2012*, Lisboa: Universidade Católica Portuguesa (Centro de Estudos e Sondagens de Opinião

as principais tendências duma pesquisa similar referente às regiões autónomas dos Açores e da Madeira, no que se refere às posições religiosas, às práticas e estilos de vida da população residente com 15 ou mais anos⁴.

Posições religiosas

De acordo com o mais recente censo, os católicos constituem cerca de 81% da população portuguesa⁵, valor aliás corroborado pelos resultados da primeira fase do presente estudo levado a cabo no Continente (Gráfico 1). No que diz respeito aos Açores e à Madeira, os dados indicam uma percentagem mais elevada de católicos, perfazendo estes cerca de 90% da população residente (Gráfico 2 e 3).

GRÁFICO 1
Posição atual dos respondentes em Portugal continental
(5 regiões NUTSII, 2011) (N= 3815; não incluído na amostra 23
respostas na categoria Não sabe/Não responde que representa 0,6%)



– Centro de Estudos de Religiões e Culturas), 2012 [policopiado]. O universo é constituído pelos residentes em Portugal Continental, com 15 ou mais anos. A amostra pretendida era de 4080 inquéritos. Foram obtidos 3978 inquéritos válidos.

⁴ Pesquisa efetuada em julho de 2012 através de questionário estruturado, com perguntas fechadas. A amostra é constituída por 508 inquéritos válidos nos Açores e 498 na Madeira. Cf. Alfredo TEIXEIRA (coord.), Alexandra ESTEVES, Emese PANYIK e Manuel ANTUNES DA CUNHA (relatores), *Identidades religiosas em Portugal: Representações, Valores e Práticas. Regiões Autónomas*, Lisboa: Universidade Católica Portuguesa (Centro de Estudos e Sondagens de Opinião – Centro de Estudos de Religião e Cultura), 2012 [policopiado].

⁵ Instituto Nacional de Estatística, *Censos 2011*. [URL] <http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos2011_apresentacao> [08.02.2013].

GRÁFICO 2
Posição atual dos respondentes na Madeira (N= 491; 2012) (Outra religião: 0%)

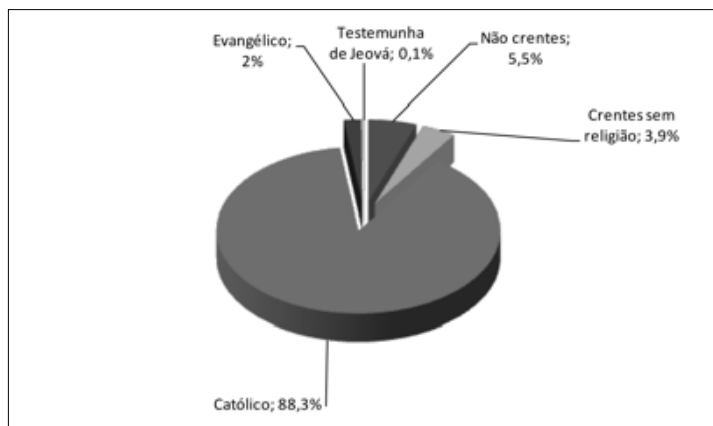
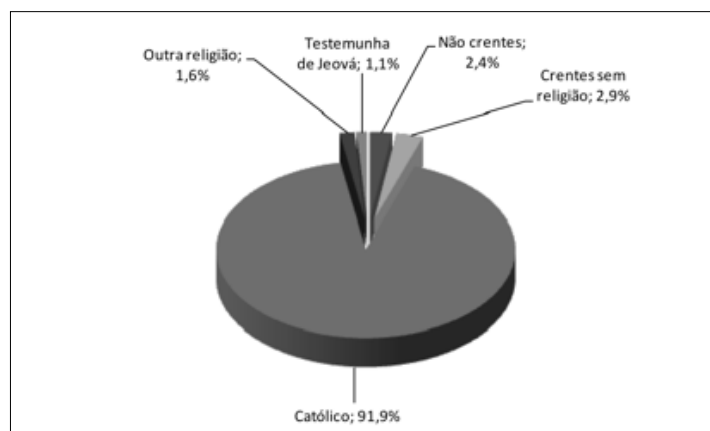


GRÁFICO 3
Posição atual dos respondentes nos Açores (N= 493; 2012)



A esmagadora maioria dos católicos está refletida na composição de identidades por tipo de localidade: é evidente tanto nas áreas urbanas e semiurbanas como nas rurais. Por outras palavras, não foram encontradas diferenças na proporção dos católicos em termos de localidade: constituem uniformemente o maior grupo religioso em todos os tipos de localidades, das áreas urbanas às rurais.

Em termos numéricos, a seguir aos católicos encontramos os não crentes e os crentes sem religião em segunda e terceira posição, com um pouco

menos de 10% e 5%, respetivamente. Por seu turno, os protestantes representam 2,4% em Portugal continental, um pouco mais do que na Madeira (2,1%) e nos Açores (1%). A quase inexistência de outras correntes religiosas decorre de fatores históricos. Como recorda Helena Vilaça, os três séculos de Inquisição vieram reforçar a dominância do catolicismo e inviabilizar a entrada no país de correntes de pensamento de linha protestante e de outros novos grupos religiosos⁶. Consequentemente, o protestantismo só despontou no país dois séculos depois da sua eclosão, não resultando por isso em movimentos endógenos.

Enquanto os católicos constituem um segmento dominante e homogéneo, a composição das posições religiosas revela uma ligeira mas relevante diferença entre a população de Portugal continental e das Ilhas, sugerindo uma configuração mais tradicional nestas últimas. Uma tal diferença traduz-se, como veremos mais adiante, em relações algo diferenciadas no que diz respeito às crenças, práticas e estilos da vida, mas é desde já evidente na maior predominância dos católicos insulares e na conseqüente menor representação dos não crentes na população da Madeira e dos Açores (5,5% e 2,4% respetivamente), quando comparadas com Portugal continental (9,6%).

As ligeiras diferenças entre as populações não crentes da Madeira e dos Açores, que não esbatem uma configuração religiosa mais tradicional em ambos os territórios, não deixam de refletir certas especificidades próprias a cada um dos arquipélagos. As religiões minoritárias estão sobretudo implantadas nas áreas mais urbanas. As Testemunhas de Jeová, uma das mais conhecidas igrejas minoritárias em Portugal, têm uma implantação uniformemente baixa em todo o país (cerca de 1% da população), concentrando-se a maioria destes crentes nas regiões de Lisboa e Porto, sendo praticamente inexistentes na Madeira (0.1%), enquanto nos Açores estão ligeiramente mais representados (1,1%).

De uma forma geral, em qualquer um dos territórios, os inquiridos associam o afastamento relativamente à crença a dois fatores principais: a convicção pessoal e a discordância com doutrinas e regras morais das religiões institucionalizadas. Quase metade dos respondentes não crentes em Portugal continental (48%), um pouco menos na Madeira (43.5%) e nos Açores (38%) apontou estes fatores como principais motivações.

⁶ Helena VILAÇA, «Notas de pesquisa para o estudo dos grupos religiosos minoritários», 31-51.

Apesar do reduzido número de respondentes não crentes residentes nas ilhas, os resultados indicam que o comportamento dos responsáveis religiosos (padres, pastores e outros) é uma razão mais frequentemente evocada na Madeira (19%), e sobretudo nos Açores (34%), para justificar a não pertença religiosa, comparativamente a Portugal continental (14%). Neste sentido, nas regiões autónomas, o estudo descreve uma população simultaneamente mais religiosa, mas também mais crítica relativamente aos líderes religiosos.

Presença do religioso no quotidiano

A larga maioria da população analisada em todas as regiões do país viveu sempre ou vive há mais de 10 anos na mesma localidade, indiciando uma inscrição territorial perene, caracterizada por um domicílio estável e de longa duração. Estando uma parte das práticas que objetivam a pertença religiosa associadas ao fim de semana, importa ainda caracterizar os comportamentos mais salientes. As práticas inerentes às sociabilidades domésticas figuram entre as mais representadas. Quando questionados acerca das práticas de fim de semana, ganham um destacado relevo aquelas que se concretizam em contexto doméstico, seja no Continente, na Madeira ou nos Açores. A permanência neste espaço para dele cuidar ou descansar, e as práticas de lazer sob a forma de passeio – associadas ao lazer familiar – acompanham esta centralidade da família ao fim de semana. Entre as atividades menos evocadas, destaca-se a assistência à missa ou outro ato religioso (cerca de 15% dos inquiridos em Portugal continental e na Madeira). Contudo, nos Açores, essa atividade representa quase o dobro da frequência das escolhas, corroborando assim um perfil mais religioso.

Quanto à presença dos assuntos religiosos nas interlocuções quotidianas, os resultados revelam que os temas religiosos não fazem parte do dia a dia de cerca de metade da população inquirida em Portugal continental. Na Madeira e, de forma ainda mais vincada, nos Açores os números são menos significativos, estando as conversas em torno de temas de cariz religioso bem mais presentes. Se nos concentrarmos agora no conjunto dos respondentes que dizem ter abordado temas de cariz religioso, observamos que a família é o espaço onde esse assunto vem mais vezes à baila em qual-

quer um dos três territórios, representando inclusivamente metade dos respondentes nos Açores. A segunda rede mais evocada é a do círculo de amigos, o que permite avançar com a hipótese que este âmbito de interlocução se circunscreve preferencialmente a zonas sociais de maior intimidade, sendo mais raro que a religião se torne tema de conversa noutros circuitos sociais, como o trabalho ou as relações de vizinhança.

Práticas orantes e atos de culto

As práticas orantes podem ser vistas como um dos comportamentos religiosos mais persistentes, uma vez que articulam crenças e práticas numa sintaxe preponderantemente individual, menos dependente de dispositivos institucionais e comunitários. Apesar das trajetórias de destradicionalização da sociedade portuguesa, encontramos sinais da persistência de uma das práticas mais íntimas da vivência religiosa: a oração. A maioria da população afirma rezar frequentemente, pelo menos alguns dias da semana ou até mesmo todos os dias, em todas as regiões do país. Contudo, nos Açores há praticantes um pouco mais assíduos do que no resto do país e, consequentemente, menos indivíduos que nunca rezam ou se dirigem a Deus, comparativamente com a Madeira e Portugal continental.

Em termos de modalidades, esta prática descreve-se como sendo preponderantemente individual e dominam as formas tradicionais em todas as regiões de Portugal, embora com maior incidência nas ilhas: recitação de formas aprendidas e o «peço por mim e pelos outros». A Madeira é o terri-

QUADRO I
Frequência de práticas orantes na Madeira

Costuma rezar, ou dirigir-se a Deus (ou qualquer entidade sobrenatural) através da oração ou meditação pessoal?	N	%
Todos os dias	186	37.8
Algumas vezes por semana	104	21.2
Poucas vezes	108	22.0
Nunca	92	18.7
Total	490	99.7
Não sabe/Não responde	2	0.3
Total	491	100.0

QUADRO 2
Frequência de práticas orantes nos Açores

Costuma rezar, ou dirigir-se a Deus (ou qualquer entidade sobrenatural) através da oração ou meditação pessoal?	N	%
Todos os dias	226	45.9
Algumas vezes por semana	127	25.6
Poucas vezes	97	19.8
Nunca	41	8.3
Total	492	99.6
Não sabe/Não responde	2	.4
Total	493	100.0

tório onde a oração enquanto «Prática livre e espontânea» está menos presente. No conjunto, as modalidades infrequentes são as práticas que podem ser descritas como culturalmente exógenas, como a meditação de tipo oriental. As práticas orantes constituem atividades universais que não estão apenas presentes na vida dos indivíduos que assumem um posicionamento religioso. Os resultados indicam aliás, em todas as regiões, que a autorrepresentação enquanto «não crente» não exclui necessariamente comportamentos de índole religiosa. Embora a maioria destes respondentes não seja orante, cerca de um quinto declara rezar de vez em quando.

No que diz respeito aos atos de culto, o inquirido permite uma aproximação por duas vias: a participação nas igrejas ou templos e a assistência pela televisão ou rádio. Encontramos aqui mais um indicador do perfil um pouco mais tradicional das identidades religiosas insulares, em particular nos Açores. Comparativamente a Portugal continental (28%), deparamo-nos com um número consideravelmente menor de respondentes na Madeira (21%) e nos Açores (13%) que nunca ou quase nunca participam ou assistem a atos de culto religioso. Se nos detivermos nos inquiridos que afirmam participar em tais atos, a frequência semanal é a mais evocada em todas as regiões de Portugal. Se somarmos os crentes mais ativos, ou seja aqueles que participam a atos de culto religioso numa igreja ou templo a um ritmo semanal e mensal, verificamos que cerca de metade dos inquiridos (58% nos Açores e 50% na Madeira, contra 46% no Continente) mantém uma relação de certa proximidade com atos de culto de forma presencial.

QUADRO 3
Frequência de atos de culto na Madeira

Com que frequência costuma participar ou assistira atos de culto religiosos na igreja ou templo?	N	%
Mais de uma vez por semana	36	7.2
Uma vez por semana	139	28.2
Uma/ duas vezes por mês	71	14.4
Várias vezes por ano	43	8.8
Uma/ duas vezes por ano	86	17.5
Nunca ou quase nunca	102	20.9
Total	477	97.0
Não responde	15	3.0
Total	491	100.0

QUADRO 4
Frequência de atos de culto nos Açores

Com que frequência costuma participar ou assistira atos de culto religiosos na igreja ou templo?	N	%
Mais de uma vez por semana	45	9.1
Uma vez por semana	165	33.5
Uma/ duas vezes por mês	74	14.9
Várias vezes por ano	86	17.5
Uma/duas vezes por ano	52	10.6
Nunca ou quase nunca	66	13.3
Total	489	99.0
Não responde	5	1.0
Total	493	100.0

Globalmente, podemos ainda afirmar que o acompanhamento de atos de culto transmitidos pela rádio tem frequências bastante mais baixas. A grande maioria dos respondentes diz nunca ou quase nunca assistir a programas religiosos através da rádio (80% em Portugal continental, 70% na Madeira e 82% nos Açores). No que se refere à televisão, aproximadamente metade dos inquiridos nunca ou quase nunca assiste a atos de culto religioso transmitidos por essa via. Todavia, tanto nas ilhas como no resto do país, um segmento significativo dos inquiridos (cerca de um terço) recorre frequentemente à televisão para assistir a atos de culto.

Identidade e biografia crente

Com base nas respostas dos inquiridos sobre as mudanças de trajetória da posição religiosa, constata-se que, à semelhança do que se verifica no Continente, há uma certa estabilidade quanto à pertença religiosa nos católicos das regiões dos Açores e da Madeira. Esta asserção é sustentada pelas respostas dos católicos à pergunta sobre se houve algum momento da sua vida em que a sua posição religiosa se modificou: as percentagens de respostas negativas foram de 81,7% e de 90,3% nos Açores e na Madeira, respetivamente. As razões alegadas para justificar a mudança da posição religiosa são bastante variadas: o abandono da prática religiosa (40,0% nos Açores e 54,1% na Madeira), a desvinculação religiosa (20,5% nos Açores e 15,5% na Madeira), o abandono do catolicismo e a adesão a outra comunidade religiosa (10,4% nos Açores e 12,2% na Madeira) ou ainda a adesão à Igreja Católica (8,8% nos Açores e 6,8% na Madeira). Refira-se também que, nos Açores, a mudança dos protestantes e das Testemunhas de Jeová resulta preponderantemente da desfiliação católica, enquanto na Madeira o mesmo itinerário ocorre entre os protestantes. Todavia, estes resultados devem ser lidos com alguma cautela, uma vez que a antecipação das respostas pode ter condicionado o inquirido, na medida em que o crente desenvolve ao longo da vida um caminho interior e individual a nível da vivência da fé que não deve ser subestimado.

As identidades que revelam um maior rasto de mudança de posição religiosa são as dos não crentes e das Testemunhas de Jeová. As que apresentam indicadores de maior estabilidade são, além das que integram o grupo dos católicos, as pertencentes a outras religiões, no caso dos Açores (100%), e as dos crentes sem religião, no caso da Madeira (72,2%). A alteração do posicionamento religioso, traduzida quase sempre na desvinculação da Igreja Católica, seja no sentido da descrença ou da adesão a uma nova igreja, acontece, em regra, tardiamente.

A questão acerca da presença semanal da mãe e do pai na missa quando o inquirido tinha dez anos de idade pretende evidenciar a relevância da socialização religiosa na construção da identidade religiosa do indivíduo. Verifica-se que, entre os não crentes dos Açores e da Madeira, as diferenças relativas à presença semanal do pai na missa não são tão acentuadas como no Continente, onde 79,9% dos inquiridos declararam que não iam à missa

semanalmente e 20,2% responderam afirmativamente. Nos Açores, 45,5% responderam que o pai não ia à missa semanalmente e 54,5% responderam afirmativamente, ao passo que, na Madeira, 40,7% responderam que sim e 59,3% responderam que não. Deste modo, não se pode aplicar para as duas regiões a mesma conclusão obtida para Portugal continental, ou seja, que a desfiliação religiosa dos inquiridos resultaria de uma escassa socialização com base nos mecanismos próprios da religião católica. O mesmo se pode aplicar aos crentes sem religião (40,0% nos Açores e 31,6% na Madeira iam à missa) e aos protestantes. Note-se, todavia, que entre os que tiveram uma menor sociabilização dentro dos preceitos da fé católica figuram os crentes sem religião. Possivelmente, a indefinição que afeta os indivíduos portadores desta posição religiosa não se verificaria com a aproximação mais precoce aos contextos e práticas do catolicismo. Quanto à figura materna, o padrão repete-se, pois os não crentes continuam a fazer referência à participação nos mecanismos de socialização católica, ainda que na Madeira a não participação regular da mãe na assembleia dominical supere o sim. Com exceção dos não crentes, todas as identidades religiosas revelam uma inserção precoce nos ritos da Igreja Católica, comprovando, portanto, a existência de um movimento de mudança no sentido da inclusão mais tardia noutras identidades religiosas ou na vinculação a uma nova posição religiosa.

Com o intuito de compreender a importância da socialização primária na construção da identidade religiosa católica, foi colocada uma questão sobre o cumprimento dos preceitos da Igreja Católica. As respostas apontam para uma diminuição progressiva com a aproximação da adolescência e o avanço na idade. A exceção é o casamento, embora este já não se inscreva nos rituais inerentes à socialização primária, devendo, por conseguinte, ser objeto de uma interpretação própria⁷. No atinente ao batismo dos filhos, encontram-se valores superiores aos registados no Continente. Nos Açores, 93,4% dos pais batizaram os seus filhos ainda bebés, enquanto na Madeira a percentagem é praticamente idêntica (93,2%).

Ainda no âmbito da socialização primária, verifica-se que, após o batismo, a instrução religiosa infantil, essencialmente através da catequese, desempenha uma função relevante na construção da futura identidade re-

⁷ Para o caso dos Açores, cf. Piedade LALANDA, «Casar pelo civil ou na Igreja», *Sociologia – Problemas e Práticas* 39 (2002) 69-83.

ligiosa. Nos Açores, apenas 5,2% dos respondentes declaram não ministrar uma educação religiosa aos filhos, e na Madeira 5,1%. Apesar da tendência notória para um certo afastamento em matéria religiosa na passagem da adolescência para a idade adulta, os progenitores católicos empenham-se na iniciação dos filhos nos ritos da fé.

Se se atender à relação entre a posição religiosa e o género, verifica-se que os dados obtidos entre os católicos apontam para um ligeiro predomínio das mulheres sobre os homens. As diferenças tornam-se mais evidentes quando nos focamos nos não crentes, essencialmente do sexo masculino, em particular na região dos Açores, e nos crentes sem religião. Tais resultados podem levar-nos a concluir que o afastamento da religião e dos atos de culto, bem como a mudança identitária a este nível, será mais facilmente produzível na população masculina do que na feminina.

Relativamente à distribuição dos diferentes grupos etários pelas posições religiosas, constatamos que, tanto na Madeira como nos Açores, os não crentes e os crentes sem religião têm uma maior expressão entre os mais jovens (grupos etários entre os 15 e os 24 anos e entre os 25 e os 34 anos). Os católicos, à semelhança do que se observa no Continente, estão repartidos, de modo bastante equilibrado, por todos os escalões etários. Contudo, importa salientar que, no caso açoriano, a percentagem mais elevada de católicos encontra-se no grupo etário entre os 15 e os 24 anos (21,2%), na Madeira, entre os 25 e 34 anos (22,5%), e no Continente na população com mais de 65 anos.

No tocante aos níveis de escolarização, é entre os não crentes dos Açores que se observa a percentagem mais elevada de inquiridos que concluíram ciclos de estudos superiores (33,3%), ainda que o grupo dos crentes sem religião atinja também uma elevada taxa percentual, seguindo a tendência registada em Portugal continental. Os católicos, que constituem a larga maioria da população portuguesa, aparecem dispersos pelos vários graus de ensino, embora se verifique a prevalência dos níveis de escolarização obrigatória. Na Madeira, os não crentes e os crentes sem religião encontram-se distribuídos pelos diferentes ciclos de estudos, embora sejam os que, em termos comparativos, apresentam as taxas mais altas de habilitações superiores, seguidos de muito perto pelos católicos.

No atinente à situação socioprofissional das diversas identidades religiosas, constatamos que os não crentes dos Açores estão disseminados so-

bretudo entre os «especialistas das profissões intelectuais e científicas», os «técnicos e profissionais de nível intermédio», o «pessoal administrativo e similares», o que impede o estabelecimento de uma associação entre aquela identidade religiosa e um grupo profissional específico. É, no entanto, a identidade que inscreve a percentagem mais elevada de respondentes no grupo dos «especialistas das profissões intelectuais e científicas» (44,4%). A mesma situação de dispersão ocorre nos crentes sem religião, embora seja a identidade que reúne a maior percentagem de quadros superiores da administração pública, dirigentes e quadros superiores de empresas. Os católicos estão presentes em todos grupos socioprofissionais, muito embora preponderem no «pessoal dos serviços e vendedores», nos «operários, artífices e trabalhadores similares» e nos «trabalhadores não qualificados». De notar ainda que a distribuição dos protestantes pelos diversos grupos socioprofissionais está muito próxima da verificada com os católicos. A elevada taxa de católicos inserida nos grupos profissionais não qualificados, também observada no Continente, prende-se, desde logo, com o facto de constituírem a larga maioria da população e, por conseguinte, refletirem as características da sociedade portuguesa. Os resultados obtidos na Madeira acompanham as tendências verificadas tanto nos Açores como em Portugal continental. Os católicos encontram-se sobretudo no «pessoal dos serviços e vendedores», nos «trabalhadores não qualificados» e no grupo dos «operários, artífices e trabalhadores similares». Os não crentes distribuem-se preponderantemente pelo «pessoal dos serviços e vendedores», pelos «operários, artífices e trabalhadores similares» e pelos «especialistas das profissões intelectuais e científicas». Os crentes sem religião assumem uma posição destacada entre os «operários, artífices e profissões similares» e os protestantes encontram-se maioritariamente no «pessoal dos serviços e vendedores», nos «operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem» e no grupo dos «trabalhadores não qualificados».

Crenças, atitudes e valores

A propósito das autorepresentações acerca dos efeitos da crença religiosa nas atitudes e valores, as respostas dos inquiridos da Madeira e dos Açores apontam, sobretudo, para a associação entre a religião e a preocu-

pação com a pobreza, a guerra e a fome, o desejo de ajudar os outros e a capacidade de perdoar, o sentido da vida e a valorização da família.

Nas duas regiões, sobressaem ainda as proposições positivas acerca do papel da Igreja Católica na sociedade portuguesa, considerando-a fonte de esperança para além da morte e geradora de sentido para vida, além do destaque conferido ao apoio aos mais carenciados (pobres, idosos e doentes). Já a proposição que regista o nível de concordância mais baixo (15% nos Açores e 21,8 % na Madeira) é a que classifica a Igreja como um entrave ao progresso.

Relativamente ao interesse que os *media* manifestam pelas matérias de índole religiosa, os respondentes dos Açores e da Madeira salientam a importância dada às cerimónias religiosas, às concentrações de crentes em grandes acontecimentos, à atividade da Igreja Católica ou de outras comunidades religiosas e à Bíblia ou outros livros sagrados das religiões. O desenvolvimento da ficção e do romance histórico a que se tem assistido desde há algum tempo tem contribuído, certamente, para o interesse crescente pela Bíblia e por outros livros sagrados, bem como pela arte e pelo património religioso.

Os dados colhidos junto dos inquiridos dos Açores e da Madeira mostram que a esmagadora maioria acredita que Deus existe e que se fez conhecer na pessoa de Jesus Cristo (92,4% nos Açores e 81,4% na Madeira), registando-se ainda percentagens muito elevadas de crentes na existência de um ser superior (89,3% nos Açores e 88,5% na Madeira). Em contraponto, a ideia de que Deus é uma invenção humana é a hipótese que recolhe menos apoiantes (20,8% nos Açores e 19,6% na Madeira). Não deixa de ser também significativa a confiança na ciência e na técnica para a construção de um futuro melhor para a humanidade, expressa por uma percentagem apreciável de respondentes (69,3% nos dois arquipélagos).

No intuito de conhecer melhor o grau de associativismo e a sua influência na sociedade insular, perguntou-se aos inquiridos se pertenciam a alguma coletividade. As respostas apontam para um baixo grau de associativismo, já que 79,2% dos respondentes dos Açores e 72% dos da Madeira declaram não pertencer a qualquer associação, o que traduz um certo alheamento e desinteresse por questões de ordem política, social e cultural.

Cruzando o associativismo com a posição religiosa, verifica-se, no caso dos Açores, que a participação dos católicos em sindicatos ou associações profissionais, partidos ou movimentos políticos e grupos desportivos é in-

ferior à dos não crentes e crentes sem religião. Já nas agremiações recreativas ou culturais sobressai a presença de católicos e de não crentes, ao passo que nas associações de carácter religioso e de solidariedade social ou ação social, destacam-se os crentes católicos. Na Madeira, indivíduos de diferentes quadrantes religiosos fazem parte de sindicatos ou associações de cariz profissional e de partidos ou movimentos políticos. Nas associações culturais, evidenciam-se os não crentes e, em menor percentagem, os católicos, que se destacam ainda nos grupos religiosos, nas instituições de solidariedade e ação social, bem como nas associações de estudantes. A pertença a clubes desportivos é transversal às várias posições religiosas existentes naquela região.

Perante a questão sobre o que pensam acerca do futuro de Portugal, as posições religiosas mais representativas dos Açores e da Madeira inclinam-se, maioritariamente, para o binómio preocupação/inquietação. A uma distância considerável, segue-se o binómio esperança/confiança, expresso sobretudo pelos católicos e pelos protestantes.

A prática dos católicos

No que se refere à autoclassificação relativamente à prática religiosa, os católicos dos Açores (74,2%) definem-se mais frequentemente como praticantes do que os seus homólogos da Madeira (59%) e do Continente (56,1%). O cruzamento destas respostas com a frequência da participação na eucaristia dominical aponta todavia, nos três contextos, para uma diferença percentual entre o discurso e a prática que é diretamente proporcional à referida autorrepresentação. Ou seja, à medida que cresce o número daqueles que se definem como «católicos praticantes» aumenta igualmente a proporção dos inquiridos que não concretizam esse mesmo discurso com a participação regular na missa. Se é inegável que o sentimento de pertença religiosa não se traduz forçosamente por uma prática regular, é igualmente necessário ter em conta que a sua frequência e natureza diferem segundo os credos⁸. O reduzido número de membros doutras pertenças religiosas na amostra não permite uma leitura verdadeiramente sustentada, embora se vislumbre que o carácter minoritário destas identidades possa estar aqui correlacionado com uma maior afirmação da prática.

⁸ Cf. Xavier NIEL, *L'état de la pratique religieuse en France*, Paris: INSEE, 1998.

Também nos motivos invocados no que diz respeito à prática religiosa, sobressaem ligeiras diferenças entre católicos. Embora, à semelhança do que se passa no Continente (78,8% e 61,2%), os tópicos «Educação e tradição familiar» e «Crença pessoal» sejam os mais invocados, quer nos Açores (85,9% e 56,9%), quer na Madeira (82% e 69,8%), os crentes dos arquipélagos são aqueles que mais se identificam com uma dimensão pragmática do crer (obtenção de saúde e da proteção de Deus, melhoria das condições materiais, salvação eterna). Mesmo assim, é deveras a referência à transmissão dos valores no âmbito doméstico e a afirmação da autonomia do sujeito (crença/fé pessoal, ser coerente com a minha consciência e ser fiel a mim próprio) que constituem, em cada uma das regiões, os dois grandes pilares em torno dos quais os inquiridos dizem alicerçar a sua prática religiosa.

Por seu turno, os católicos insulares que se classificam como não praticantes invocam, tal como revelou o estudo relativo a Portugal continental, três motivações principais: a falta de tempo, o desleixo/descuido e o entendimento que a fé não carece de prática religiosa. Para além desta convergência em torno das razões de ordem pragmática e da separação fé/práxis, refira-se que os continentais (12,9% e 7,1%)⁹ e os madeirenses (13,7% e 8,1%) responsabilizam mais frequentemente a própria instituição religiosa pelo seu afastamento do que açorianos (4,9% e 3,4%), invocando nomeadamente o «mau exemplo dos praticantes» e «não querer ir à igreja por causa do padre ou responsável». Em termos gerais, a falta de local de culto, um acontecimento importante da vida pessoal e a situação irregular face às normas aparecem como as motivações mais residuais.

Eucaristia, Comunhão e Reconciliação

A frequência de participação na missa constitui um dos índices mais relevantes da prática religiosa no universo católico. A leitura dos números relativos à presença na assembleia dominical permite estabelecer uma tipologia mais precisa dos diversos níveis de individualização/institucionalização em termos de identidade religiosa. Para se encontrar um modelo que desse conta da diversidade dos comportamentos, construiu-se o seguinte quadro categorial:

⁹ Alfredo TEIXEIRA (coord.), *Identities religiosas em Portugal*, 49.

QUADRO 5
 Quadro categorial dos católicos segundo a prática

Católicos segundo a «prática»	Indicadores agregados, relativos à pergunta: «Com que frequência costuma ir à missa?»
Católico nominal	Nunca
Católico praticante ocasional	Raramente ou menos de uma vez por ano 1-2 vezes por ano
Católico praticante irregular	3-6 vezes por ano 7-11 vezes por ano
Católico praticante regular	1-2 vezes por mês
Católico observante	Todos os domingos e dias santos Mais de uma vez por semana
Católico militante	Os que à «prática observante» acrescentam a pertença a um movimento da Igreja Católica ou desenvolvem alguma atividade na paróquia

À semelhança do que acontece em Portugal continental (23,6% e 25,2%), os católicos observantes e ocasionais são os dois grupos mais representativos dos Açores (27,6% e 21,7%) e da Madeira (24,7% e 28,5%), perfazendo em cada uma destas regiões sensivelmente metade dos inquiridos. Por seu turno, os católicos nominais constituem sempre o grupo com menos peso percentual, embora de forma mais vincada nos Açores (3,8%) do que na Madeira (7,8%) e no Continente (10,3%).

À luz deste quadro categorial, e tomando a frequência mensal como denominador mínimo comum para a definição da prática católica – agrupando assim os regulares, os observantes e os militantes – verifica-se que os açorianos (56,4%) se demarcam um pouco dos madeirenses (46,3%), os quais apresentam inclusivamente uma taxa inferior aos continentais (49,1%). Se tomarmos como indicador a frequência semanal (observantes e militantes), obtemos 45% dos católicos nos Açores, 36,9% na Madeira e 34,6% no Continente¹⁰. Refira-se ainda que é na categoria dos militantes que encontramos as diferenças mais significativas entre os três espaços, dispondo a região autónoma dos Açores (17,4%) de uma percentagem mais significativa de católicos que aliam a participação semanal na Eucaristia com uma atividade num movimento da paróquia/Igreja do que na Madeira (12,2%) ou no Continente (11%).

¹⁰ No que se refere a Portugal, o *European Social Survey* (2002) aponta para 30% de frequência semanal, atrás da Itália (32%), Irlanda (54%) e Polónia (56%) e à frente de Espanha (20%), Áustria (19%), Bélgica (11%) e França (8%). Cf. Millán ARROYO MENENDEZ, «Religiosidade e valores em Portugal: comparação com a Espanha e a Europa católica», *Análise Social* XLII:184 (2007) 757-787.

QUADRO 6
Católicos portugueses segundo a prática

Católicos segundo a prática	Açores	Madeira	Continente
	%	%	%
Católico nominal	3,9	7,8	10,3
Católico praticante ocasional	21,7	28,9	25,2
Católico praticante irregular	18	16,9	15,4
Católico praticante regular	11,4	9,4	14,5
Católico observante	27,6	24,7	23,6
Católico militante	17,4	12,2	11,0
Total	100,0	100,0	100,0

O relatório relativo às identidades religiosas em Portugal continental apontava algumas tendências quanto à distribuição geográfica da prática católica, descrevendo uma grande homogeneidade entre as regiões do Norte e Centro que contrasta com um aumento crescente de praticantes nominais e ocasionais no Alentejo, Lisboa, Vale do Tejo e Algarve. Nas cinco regiões, a proporção dos militantes varia entre os 9% e os 12,2%¹¹. No que diz respeito aos territórios insulares, os Açores aproximam-se do perfil das regiões Norte e Centro, enquanto a Madeira se identifica mais com as regiões da zona Sul. Refira-se ainda que os Açores apresentam uma proporção superior de católicos mais ativos, em grande parte devido ao maior número de militantes (17,4%) comparativamente com os outros subconjuntos regionais.

No que se refere à caracterização das diversas modalidades de identificação católica, a Madeira apresenta – à semelhança de Portugal continental, mas de forma ainda mais pronunciada – uma curva de feminização em direção dos católicos nucleares: 75% dos militantes e 70% dos observantes madeirenses são do sexo feminino, contra 68,4% e 63% dos católicos continentais. Nos Açores, apenas 50,6% dos católicos militantes são mulheres. Embora, em termos gerais predomine ligeiramente o sexo feminino – em minoria na categoria dos ocasionais (45,7%) –, neste arquipélago não há grandes disparidades de género.

A distribuição de cada subconjunto por escalões etários revela que os católicos mais idosos (65 ou mais anos) têm maior peso entre os militantes (23,4% nos Açores e 32,7% na Madeira) e os observantes (22,3% nos Açores e 25% na Madeira). No caso específico da Madeira, estas duas categorias constituem mesmo os grupos mais envelhecidos, uma vez que apenas 19,2% dos militantes e 33,7% dos observantes têm menos de 45 anos. Nos Açores, estes

¹¹ Alfredo TEIXEIRA (coord.), *Identidades religiosas em Portugal*, 56-58.

dois grupos não reproduzem a pirâmide invertida, embora seja no seio dos militantes (46,8%) que o peso relativo dos católicos com menos de 45 anos é mais importante. Globalmente, podemos afirmar que, neste arquipélago, com exceção dos nominais (o grupo mais rejuvenescido) os outros subconjuntos são relativamente equilibrados no que toca à distribuição das idades.

GRÁFICO 4
Distribuição dos católicos por escalões etários (Madeira)

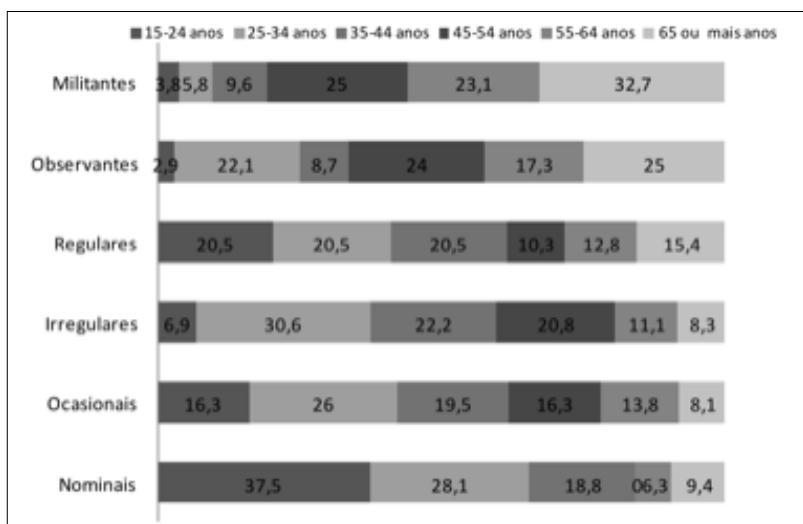
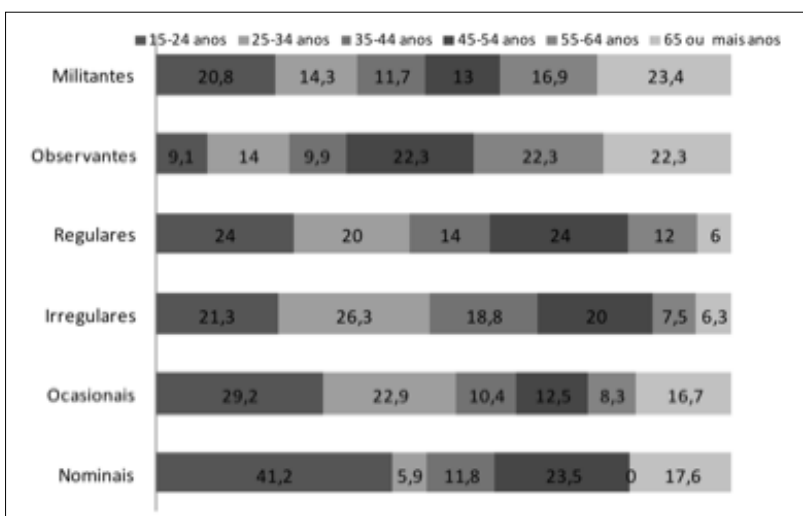


GRÁFICO 5
Distribuição dos católicos por escalões etários (Açores)



A diminuição da prática dominical tem implicações noutras dimensões da experiência religiosa¹². A análise dos índices de participação nos ritos da comunhão e da confissão permite, até certo ponto, aferir a articulação entre o discurso e a prática, assim como a evolução dos comportamentos nestas áreas. Nas regiões insulares, verifica-se um menor distanciamento das três categorias de praticantes mais assíduos relativamente a estas duas práticas sacramentais. Com exceção dos praticantes regulares da Madeira (17,9%), apenas uma percentagem residual dos outros fiéis mais assíduos às assembleias dominicais dos dois arquipélagos afirma nunca comungar. No Continente, os números são mais significativos: regulares (39%), observantes (18,9%) e militantes (7,6%). Todavia sobressaem algumas diferenças entre as regiões autónomas. Embora a Madeira disponha duma menor percentagem de católicos praticantes, estas três categorias apresentam índices mais elevados no que diz respeito à frequência da comunhão, se tomarmos como referência o universo daqueles que declaram comungar pelo menos uma vez por mês. Neste particular, os católicos regulares (69,3%), observantes (86,7%) e militantes (96%) da Madeira distinguem-se dos seus homólogos dos Açores (59,5%, 81,1% e 85,5%) e, de modo muito mais vincado, de Portugal continental (23,2%, 48,9% e 78,1%)¹³.

No conjunto, os inquiridos assumem um maior distanciamento relativamente à confissão. Por outro lado, os resultados mostram que nem sempre a taxa de frequência deste sacramento é diretamente proporcional à assiduidade na assembleia dominical. Se tomarmos como ponto de referência o preceito da confissão anual, este é cumprido por dois terços dos católicos militantes açorianos (64,9%), o que fica aquém dos resultados alcançados pelos observantes (78,6%). Ou seja, o envolvimento num grupo paroquial ou num movimento da Igreja – embora tal tendência se verifique na Madeira (84,7% e 59,2%) e no Continente (69,9% e 50,9%) – nem sempre se traduz por uma maior prática sacramental. Os números mostram ainda que os católicos militantes da Madeira – à semelhança do que se verifica na comunhão – são aqueles que apresentam as taxas de frequência mais elevadas no âmbito dos três territórios.

¹² Millán ARROYO MENENDEZ, «Religiosidade e valores em Portugal», 765.

¹³ Alfredo TEIXEIRA (coord.), *Identidades religiosas em Portugal*, 52.

Lógicas de transmissão

As diversas categorias de prática religiosa estão ainda intimamente relacionadas com o processo de transmissão da fé em contexto doméstico. Como confirmam estudos recentes, ser educado num ambiente familiar com escassa ou nula presença da religião tende a favorecer uma passagem para o território da não crença¹⁴. Interrogados acerca da posição religiosa do pai/mãe quando o inquirido tinha dez anos, a esmagadora maioria dos católicos ocasionais, irregulares, regulares, observantes e militantes das duas ilhas classifica os pais como «praticantes», embora os números relativos à figura materna sejam ligeiramente superiores. Por seu turno, os católicos nominais definem um pouco mais de metade dos pais (53,3% nos Açores e 58,1% na Madeira) e um pouco menos de metade das mães (40% nos Açores e 45,2% na Madeira) como «não praticantes». Ascendentes de outras denominações religiosas, não crentes ou sem religião constituem situações residuais.

O processo de transmissão da fé no âmbito da socialização primária está intimamente associado ao batismo dos filhos e aos itinerários de educação religiosa. O estudo sobre Portugal continental salientou um incremento da decisão de batizar mais cedo os filhos à medida que nos aproximamos dos católicos mais nucleares. Ou seja, 78,4% dos católicos nominais e 82,3% dos ocasionais batizam os seus filhos ainda bebês, contra 95,5% dos observantes e 92,3% dos militantes. Os seus homólogos das regiões insulares não reproduzem exatamente o mesmo esquema. Em qualquer das categorias, são sempre mais de 90% dos católicos açorianos e madeirenses que tomam a decisão de batizar os seus filhos ainda bebês.

No que diz respeito à instrução religiosa, o mesmo estudo identificou um contraste assinalável entre os católicos nucleares (observantes e militantes) de Portugal continental e os outros tipos de identificação religiosa, sobretudo relativamente ao envolvimento na educação religiosa dos filhos. Nas ilhas, as diferenças são menos vincadas. Assim, cerca de um terço dos católicos nominais dos Açores (31,7%)¹⁵ e da Madeira (35%) afirma participar à instrução religiosa dos seus filhos, podendo recorrer simultaneamente aos dispositivos institucionais como a catequese e/ou a escola. Por

¹⁴ Millán ARROYO MENENDEZ, «Religiosidade e valores em Portugal», 767-768.

¹⁵ Deve ter-se em conta que o tamanho da amostra dos «nominais» pode ter algum peso nestes resultados (*vide* quadro 6).

outro lado, 45,8% dos ocasionais e 32,6% dos militantes fazem o mesmo nos Açores, contra 51,1% e 53,1% na Madeira. Relativamente à inscrição dos filhos na catequese, as estatísticas indicam que não obstante haja um incremento dessa tomada de decisão à medida que nos aproximamos dos católicos mais praticantes, as taxas de inscrição são elevadas em todas as categorias: variam entre 71,9% (nominais) e 96,1% (observantes) nos Açores e 79,8% (nominais) e 91,8% (militantes), na Madeira.

(Des)territorialização das práticas

Para além da evolução histórica e sociocultural¹⁶, também a implantação geográfica¹⁷ condiciona as formas de crer. A partir de três tipologias demográficas (rural, semiurbana e rural), é ainda possível afinar a caracterização das diversas categorias de católicos praticantes. Nos Açores, o católico ocasional é predominantemente semiurbano, tendo as restantes categorias um perfil mais rural, com especial incidência para o nominal (70,6%) e o observante (73,6%). Na Madeira, não se verifica a mesma repartição demográfica. Com efeito, neste arquipélago, os católicos ocasionais e irregulares residem um pouco mais nas áreas urbanas, enquanto os nominais e regulares investem preferencialmente as zonas semiurbanas. Finalmente, os observantes e os militantes repartem-se quase equitativamente pelas três áreas.

Apesar das contingências específicas de índole geográfica, é possível afirmar que, tal como se verifica em Portugal continental, existe uma correlação positiva entre a inscrição territorial e a proximidade/distanciamento no que diz respeito às práticas religiosas. Sem perder de vista a eventual influência do fator da insularidade em todo este processo, também aqui uma inscrição mais duradoura num determinado espaço geográfico favorece uma maior objetivação e materialização das práticas num contexto local. Mais de três quartos dos católicos militantes, observantes e regulares – aqueles que mais se envolvem nas dinâmicas paroquiais e/ou comunitárias – residem desde sempre, ou pelo menos há mais de dez anos no mesmo território.

¹⁶ Steffen DIX, «As esferas seculares e religiosas na sociedade portuguesa», *Análise Social* XLV: 194, (2010), 5-27.

¹⁷ João FERREIRA DE ALMEIDA, «Párocos, agricultores e a cidade – dimensões da religiosidade rural», *Análise Social* XXIII: 96 (1987) 229-240.

O maior ou menor envolvimento nos espaços, nas celebrações e nas dinâmicas locais materializa o grau de estabilidade das práticas religiosas, mas igualmente a articulação com a comunidade paroquial. Para além do cruzamento com outras variáveis, como a diminuição do número de vocações ou a redefinição da cartografia diocesana¹⁸, a leitura dos resultados não pode dissociar-se, neste caso específico, do fenómeno da insularidade que marca o quotidiano destas populações.

Se isolarmos o conjunto dos respondentes católicos que declara participar na missa – excluindo assim aqueles que nunca vão –, a leitura dos resultados é um pouco mais clara. Neste caso, 72,6% dos membros da assembleia dominical no caso dos Açores, e 62,6% na Madeira, permanecem fiéis a um local de culto, enquanto 27,4% e 37,4%, respetivamente, optam por comportamentos de itinerância. No continente, os números situam-se sensivelmente a meio caminho entre os dois arquipélagos (69,2% e 30,8%). No caso dos Açores, a participação na missa está claramente vinculada à igreja paroquial da área de residência, espaço preferencial de culto para 80,3% dos inquiridos, número muito acima do que se verifica no Continente (67,7% dos casos)¹⁹. Na Madeira, emerge uma tendência inversa, uma vez que pouco mais de metade dos fiéis (57,8% dos casos) privilegia uma inscrição paroquial da prática religiosa, sendo que mais dum quarto dos praticantes procura outros lugares de culto e/ou comunidades.

No estudo relativo a Portugal continental, no que diz respeito às quatro classes de praticantes mais assíduas nas assembleias dominicais, é entre os irregulares que encontramos os maiores índices de desterritorialização das práticas religiosas, uma vez que quase um terço dos inquiridos procura espaços de culto ou comunidades fora da estrutura paroquial da área de residência (30,7%)²⁰. Associada a uma certa descomunitarização da identidade crente, este fenómeno intensifica-se na Madeira, território no qual pouco mais de metade dos praticantes irregulares (47,3%) não se inscreve numa dinâmica paroquial (igreja, capela ou centro de culto), enquanto nos Açores esta percentagem desce para 16,7%. Refira-se ainda que, no que aos militantes diz respeito, é na região autónoma da Madeira que os inquiridos

¹⁸ Fabien VENON, «Mobilité et pratiques religieuses catholiques: l'exemple des paroisses rurales à faible densité du Puy-de-Dôme et du Cantal», *Espaces et Sociétés* 19 (2003) 29-39.

¹⁹ Alfredo TEIXEIRA (coord.), *Identities religiosas em Portugal*, 53.

²⁰ *Ibid.*, 54.

mais procuram lugares de culto e/ou comunidades fora da área de residência respetiva (15,7%). Para além de aspetos geográficos e de fatores como a divisão territorial das paróquias em cada diocese, não podemos descurar outras variáveis já analisadas como, por exemplo, as razões subjacentes à prática ou não prática religiosa. Todavia, em termos gerais, podemos afirmar que uma maior comunitarização das práticas tende a valorizar os dinamismos de proximidade.

Importa agora conhecer as razões que presidem a essa mesma escolha da assembleia dominical. Não obstante prevaleçam motivações de índole pragmática (proximidade da residência principal ou secundária, compatibilidade de horário, etc.), é nos Açores que estes fatores têm mais peso, com especial incidência para a proximidade geográfica (77,7% dos casos, contra 54,3%, na Madeira e 64,1% no Continente). Estas motivações de índole prática não constituem todavia um fator exclusivo. De modo ainda mais vincado do que em Portugal continental, algumas razões de ordem eletiva são apontadas por um número significativo de inquiridos, desta feita com mais incidência no arquipélago da Madeira. Por exemplo, 28,7% dos membros das assembleias dominicais madeirenses escolhem a celebração por uma questão de gosto pessoal, contra 25,7% dos seus homólogos açorianos e 12,4% dos continentais, conferindo igualmente mais importância à empatia com o presidente da celebração (15,1%, contra 12,7% nos Açores e 5,4% no Continente).

À imagem do que se verifica no Continente (93,1% dos casos), a grande maioria dos católicos dos Açores (86,5% dos casos) e da Madeira (89,1% dos casos) não integram qualquer movimento eclesial ou nova comunidade. Nos Açores, o Corpo Nacional de Escutas (1,7%) regista a maior frequência de participação, seguido da Legião de Maria (1,6%), do Movimento da Mensagem de Fátima (1,2%) e da Equipas de Nossa Senhora (1,1%). Na Madeira, destacam-se a Cáritas paroquial (2,1%), os grupos bíblicos (1,3%), os grupos juvenis paroquiais (1,1%), os grupos de oração (1%) e a Sociedade de S. Vicente de Paulo (1%).

No atinente às formas de integração no âmbito dos grupos paroquiais, os números também não diferem significativamente daquilo que se verifica no Continente, embora as paróquias insulares beneficiem dum investimento um pouco maior por parte dos seus fiéis. No território continental, são os leitores (2,9%), os membros dos grupos corais (2,8%) e os catequis-

tas (1,9%) que absorvem grande parte do voluntariado ao serviço da comunidade. A mesma tendência, com ligeiras alterações, verifica-se nos Açores (membros do coro, 4,8%; catequistas, 2,9%; leitores, 2,4% e visitantes de doentes e pessoas sós, 1,7%) e na Madeira (leitores, 3,9%; visitantes de doentes e pessoas sós, 1,7%; membros do coro, 1,7% e catequistas, 1,5%).

A assistência a atos de culto através da televisão pode revestir um carácter supletivo (em caso de doença, de distância ou de impedimento pontual) ou complementar relativamente à presença física na assembleia dominical para os católicos mais praticantes. Pode igualmente constituir um elo de ligação com os conteúdos e/ou as liturgias nos casos de vivências um pouco mais autónomas e individualizadas da fé. No que diz respeito aos Açores, em termos de perfis de identificação católica, mais de um terço dos praticantes regulares (37,5%) e observantes (35,7%) assiste semanalmente a atos de culto pela televisão. É relevante salientar que também o fazem 27,1% dos ocasionais, 26,3% dos irregulares e 21,4% dos nominais, enquanto os militantes se ficam pelos 21,9%. Em suma, mais de 20% dos açorianos que se afirmam católicos dizem assistir/participar (em totalidade ou parcialmente) todas as semanas a um ato de culto através da televisão. Relativamente à Madeira, a situação é um pouco diferente. Os mais assíduos são os militantes (37,5%), seguidos dos regulares (34,3%) e dos observantes (32%). As taxas mais baixas pertencem aos ocasionais (8,4%), nominais (13,8%) e irregulares (14,1%).

Embora, por razões óbvias, os insulares não frequentem tanto o santuário de Fátima como os portugueses do continente, mesmo assim 40% dos açorianos e 47% dos madeirenses já lá foram pelo menos uma vez. Cerca de dez por cento dos católicos das ilhas inquiridos afirmam inclusivamente lá ter ido entre três e sete vezes. Quando interrogados sobre as razões que os levaram àquele santuário mariano, apontam o passeio como motivação principal (69,1% dos casos nos Açores e 74,4% dos casos na Madeira), ainda que esta razão seja partilhada com outras, sendo as mais citadas o acompanhamento de familiares/amigos (23,5% nos Açores e 14,2% na Madeira), cumprir/pagar uma promessa (15,3% e 22,5%) e agradecer uma graça recebida (14,1% e 12,1%). Como noutras rotas de peregrinação, a religiosidade popular coabita com a tradição e outras formas de sociabilidade²¹.

²¹ Cf. Fabien VENON, «Mobilité et pratiques religieuses catholiques».

A aproximação empírica proporcionada por um estudo quantitativo desta dimensão fornece indicadores verdadeiramente sustentados no que se refere às representações, valores e práticas das identidades religiosas nas regiões autónomas dos Açores e da Madeira. Em termos gerais, o perfil do católico açoriano aproxima-se dos seus homólogos das regiões norte e centro de Portugal continental, enquanto o católico madeirense se identifica mais com os seus congéneres do Alentejo, Lisboa, Vale do Tejo e Algarve. Não é todavia lícito reduzir a identidade dos católicos insulares a uma mera dicotomia norte/sul, uma vez que um certo número de indicadores deixa transparecer especificidades próprias a cada uma destas regiões autónomas. Embora a leitura dos dados nos permita, sem dúvida, esboçar uma interpretação com certa espessura sociológica, é inegável que a contextualização de tendências seria ainda mais profunda com recurso a estudos qualitativos que permitissem apreender na sua complexidade questões como as crenças, as identificações, os valores, as práticas religiosas, assim como as diversas conexões entre formas de religiosidade mais populares e institucionais.